



COMENTÁRIO BÍBLICO

VIDA NOVA



COMENTÁRIO BÍBLICO VIDA NOVA

D. A. CARSON

R. T. FRANCE | J. A. MOTYER | G. J. WENHAM

Tradutores

Carlos E. S. Lopes

James Reis

Lucília Marques P. da Silva

Márcio L. Redondo

Valdemar Kroker


VIDA NOVA

Copyright © Universities and Colleges Christian Fellowship, Leicester, England, 1994.
Todos os direitos reservados. Título do original: *The New Bible Commentary 21st Century Edition*.
Traduzido da edição publicada em 1994, por InterVarsity Press, mediante acordo com a InterVarsity Press, Leicester, Reino Unido.

1.^a edição: 2009

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0424-9

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

REVISÃO

Eulália Pacheco Kregness

Lena Aranha

Thomas Neufeld de Lima

Valdemar Kroker

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

OM Designers Gráficos

CAPA

Osiris Carezzato Rangel Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comentário bíblico : Vida Nova / D. A. Carson...
[et al.]. -- São Paulo : Vida Nova, 2009.

Outros editores: R. T. France, J. A. Motyer, G. J. Wenham
Título original: The New Bible Commentary.
Vários tradutores.

ISBN 978-85-275-0424-9

I. Bíblia - Comentários I. Carson, D. A.
II. France, R. T.. III. Motyer, J. A. IV. Wenham, G. J.

09-10088

CDD-220.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia : Comentários 220.7



SUMÁRIO

Mapas, gráficos e tabelas	6	Jonas.....	1224
Prefácio	7	Miqueias.....	1237
Explicações	9	Naum.....	1254
Colaboradores	10	Habacuque.....	1263
Abreviaturas.....	13	Sofonias.....	1274
Translitterações	14	Ageu.....	1287
Como abordar a Bíblia	15	Zacarias.....	1296
História bíblica.....	43	Malaquias.....	1325
		<i>Apócrifos e literatura apocalíptica</i> ...	1337
Antigo Testamento		Novo Testamento	
<i>O Pentateuco</i>	76	<i>Como ler os evangelhos</i>	1346
Gênesis.....	92	Mateus.....	1359
Êxodo.....	150	Marcos.....	1423
Levítico.....	191	Lucas.....	1473
Números.....	247	João.....	1536
Deuteronômio	305	Atos.....	1603
Josué.....	357	<i>Lendo as cartas</i>	1667
Juizes.....	399	Romanos	1678
Rute.....	438	1Coríntios.....	1746
1 e 2Samuel.....	451	2Coríntios.....	1786
1 e 2Reis.....	509	Gálatas.....	1813
1 e 2Crônicas.....	591	Efésios.....	1836
Esdras e Neemias	640	Filipenses	1871
Ester	672	Colossenses	1894
<i>A poesia na Bíblia</i>	688	1Tessalonicenses	1920
Jó.....	696	2Tessalonicenses	1932
Salmos.....	734	<i>As cartas pastorais</i>	1940
Provérbios	883	1Timóteo.....	1944
Eclesiastes.....	920	2Timóteo	1959
Cântico dos cânticos	935	Tito.....	1969
<i>Os profetas</i>	949	Filemom.....	1975
Isaías	950	Hebreus	1982
Jeremias.....	1014	Tiago.....	2030
Lamentações	1070	1Pedro	2051
Ezequiel.....	1079	2Pedro	2077
Daniel.....	1121	1João.....	2093
Oseias.....	1148	2 e 3João	2113
Joel.....	1173	Judas.....	2119
Amós.....	1191	Apocalipse.....	2127
Obadias	1217		



MAPAS, GRÁFICOS E TABELAS

Vários gráficos e tabelas neste comentário são relevantes apenas para as passagens bíblicas que ilustram (*e.g.*, os que mostram a estrutura do livro de Números). Os abaixo relacionados podem ter uso mais amplo. Além disso, referências cruzadas são colocadas no texto sempre que apropriado.

Esboço cronológico: Antigo e Novo Testamentos	44
A família de Terá e Abrão	115
Possíveis rotas da viagem de Abrão de Ur para Canaã	117
A Terra Santa no tempo da campanha militar de Abrão	119
A região do mar Morto quando Ló viveu em Sodoma	125
Possíveis rotas do êxodo	167
A eficácia do sacrifício	215
Planta do acampamento israelita	266
Planta da Tenda do Encontro	269
Planta da cidade levítica	302
Os territórios das tribos de Israel	353
Datas alternativas do êxodo e da conquista	359
Canaã antes da conquista	365
Jericó, Ai e a renovação da aliança em Siquém	373
A conquista de Hazor	381
Rúben, Gade e Manassés Oriental	387
A família de Rute	449
A família de Davi	488
O império do rei Davi	519
A administração de Salomão	523
Os reinos de Israel e de Judá	537
O Império Assírio	573
O Império Babilônico	587
Sinopse dos principais acontecimentos que afetaram a Terra Santa	642
O Império Persa	643
Jerusalém à época de Neemias	661
Os profetas em ordem cronológica	949
O contexto de Jonas	1227
Viagens missionárias de Paulo à Galácia e Grécia	1633
O ministério de Paulo no Egeu	1647
A viagem de Paulo a Roma	1663
A situação da Galácia	1815
A situação de Colossos no vale do rio Lico	1897
O possível trajeto da primeira carta de Pedro	2053



PREFÁCIO

Por mais de três anos, na qualidade de editores, tivemos o privilégio de estar bem no centro de uma notável rede de atividades. Enquanto outros trabalhavam, nós tivemos a honra de tomar parte nesses trabalhos. Na verdade, fomos abençoados por aqueles que Deus chamou para trabalhar conosco neste grande projeto; por isso, antes de tudo, gostaríamos de agradecer a esses autores por seus dedicados esforços e pela paciência com que suportaram nossas sugestões, interferências e nossos pedidos ocasionais por reformulações. Fomos cercados por uma equipe seleta de estudiosos da Bíblia, aos quais somos profundamente gratos.

Como sempre ocorre com os que conseguem ter seus textos publicados pela InterVarsity Press, tivemos um excelente apoio profissional. Mencionar nominalmente Derek Wood como editor organizador e Sue Rebis como editora coordenadora é o modo mais fácil de transmitir nossos agradecimentos a todos da InterVarsity Press que, direta ou indiretamente, ajudaram este comentário a vir a lume. É certo que não foram poucas as vezes em que eles desejaram que trabalhássemos com mais rapidez, respondêssemos com mais presteza ou escrevêssemos com mais clareza; no entanto, nunca deixaram de ser pacientes conosco. Com isso, conquistaram nossa eterna gratidão e a de todos que acharem prazeroso e proveitoso o uso desta obra.

Um comentário de um único volume sobre toda a Bíblia tem que ser um grande exercício de síntese, que segue uma disciplina rigorosa sobre o que deve ser incluído e o que deve ser omitido. Optamos por nos concentrar em acompanhar o modo como os livros e passagens se “desenvolvem” e, dessa maneira, dar uma contribuição para

uma síntese da Bíblia. Com demasiada frequência o leitor da Bíblia (e não apenas nos primeiros anos de leitura da Bíblia) fica confuso e quer ajuda para conseguir ter uma visão do todo, e não só de partes isoladas. cremos que, quando nosso comentário for utilizado tendo em mente esse objetivo, ele trará ao leitor seus maiores benefícios. No entanto, no que diz respeito a espaço, procuramos não passar por cima de dificuldades pontuais. De qualquer forma, ao longo de toda a obra fornecemos listas de livros para leitura e estudo mais aprofundados. Como regra geral, as listas refletem uma ordem crescente do nível de exigência que apresentam ao leitor. Os livros no início da lista têm o propósito de atender às necessidades mais básicas dos que desejam avançar, a partir daquilo que o comentário oferece, para um conhecimento minucioso das Escrituras Sagradas. Isto, na verdade, constitui nossa motivação e convicção principais: o cristão, como indivíduo, bem como toda a igreja que professa a Cristo não possuem, hoje em dia, necessidade maior do que conhecer a Bíblia como Palavra de Deus, amá-la e submeter-se a ela. É a essa causa que almejamos servir e é com esse alvo que, com oração, lançamos este comentário para que siga seu curso.

Esta é a segunda grande revisão do *Novo Comentário da Bíblia*, que foi inicialmente publicado em 1953. Como editores, tivemos o privilégio de fazer parte de uma tradição muito honrosa. Saudamos e pagamos o devido tributo às memórias de Francis Davidson, Ernest Kevan, Alan Stibbs e Donald Guthrie, notáveis mestres da Palavra de Deus, os quais agora fazem parte de nosso tesouro nos céus. Também nos lembramos, com gratidão, do papel



de consultor e colaborador de Donald Wiseman, quando, em 1970, surgiu o *New Bible Commentary Revised* [*Novo Comentário da Bíblia Revisado*]. Nosso terno respeito por esses homens e pelos dons que lhes foram outorgados por Deus é algo partilhado em todo o mundo por milhões de leitores agradecidos. Contudo, nesta nova edição do *Novo Comentário da Bíblia* nada resta da edição de 1953 e quase nada da revisão de 1970. Passamos da Revised Standard Version para a New International Version como ponto de partida de nossa edição em inglês, e Deus fez nascer uma nova equipe internacional de autores. (N. do R.: Em português, o texto comentado é o da Almeida Revista e Atualizada, ARA, 1995). Mesmo que algum

autor seja o mesmo de 1970, seu artigo ou foi reescrito ou totalmente revisado.

Mas, em meio a todas essas mudanças, está o Deus imutável e o poder imutável de sua Palavra inspirada. Não ousamos nos comparar aos gigantes do passado, mas aguardamos, com oração cheia de expectativa, que Deus uma vez mais faça desta obra, ora publicada no Brasil com o título de *Comentário Bíblico Vida Nova*, uma bênção para o seu povo e algo para a sua glória.

D. A. Carson

R. T. France

J. A. Motyer

G. J. Wenham



EXPLICAÇÕES

Sequência dos artigos. Ver o sumário. Os comentários aparecem na ordem bíblica com os artigos explicativos inseridos onde for o caso.

Referências bíblicas aparecem na forma geralmente aceita: capítulo . versículo (-versículo(s) seguinte(s), outro(s) versículo(s)). Por exemplo, Is 53.1-3,10,11 significa Isaías 52, versículos 1 a 3 e versículos 10 e 11. Quanto a abreviaturas dos livros da Bíblia, ver página 13.

Quando uma letra aparece depois do número de um versículo, isso geralmente indica o início ou o fim de um versículo (a ou b). Ocasionalmente, especialmente em passagens poéticas, tais como Salmos, a letra se refere à respectiva linha no texto de versões bíblicas que compõem a poesia em diversas linhas. Assim, Salmos 49.14 cd refere-se às linhas 3 e 4 do versículo 14 do salmo 49.

Leitura adicional. Listas de livros acompanham cada artigo. Aparecem classificadas de sorte que os livros mais simples vêm primeiro, e os de nível mais profundo no final. As listas não trazem obras técnicas avançadas. Um traço comprido indica o mesmo autor da linha de cima. Quanto a abreviaturas, ver, por favor, a lista da página 13.

Datação. Numa obra vasta como esta, escrita por cerca de quarenta e cinco autores, é bem possível que haja pequenas discrepâncias nas datas. Nem todos os estudiosos estão plenamente de acordo quanto às datas da história antiga. Por exemplo, há um debate contínuo sobre a data do êxodo, que afeta a datação da conquista e do período dos juízes. Essa questão é tratada no comentário. Ver na página 359 um sumário do assunto. Fizemos, no entanto, todos os esforços para não confundir o leitor. Um quadro geralmente aceito da história bíblica está na página 44.



COLABORADORES

As informações abaixo estavam corretas à época da publicação deste comentário em inglês.

T. Desmond Alexander, B.A., Ph.D., professor de Estudos Semíticos, The Queen's University of Belfast, Reino Unido. **ÊXODO**

Leslie C. Allen, M.A., Ph.D., D.D., professor de Antigo Testamento, Fuller Theological Seminary, Pasadena, Califórnia, Estados Unidos. **JOEL**

David W. Baker, A.B., M.C.S., M. Phil., Ph.D., professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Ashland Theological Seminary, Ashland, Ohio, Estados Unidos. **OBADIAS, HABACUQUE, SOFONIAS**

John A. Balchin, M.A., B.D., pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana, Papakura, Nova Zelândia. **CÂNTICO DOS CÂNTICOS**

Joyce G. Baldwin, B.A., B.D., ex-diretora, Trinity College, Bristol, Reino Unido. **RUTE, ESTER**

George R. Beasley-Murray, M.A., Ph.D., D.D., D.Litt, professor titular de interpretação do Novo Testamento, Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky, Estados Unidos. **APOCALIPSE**

Roger T. Beckwick, B.D., D.D., M.A., diretor da Latimer House, Oxford, e professor, Wycliffe Hall, Oxford, Reino Unido.

LIVROS APÓCRIFOS E LITERATURA APOCALÍPTICA

John J. Bimson, B.A., Ph.D., professor de Antigo Testamento e hebraico, Trinity

College, Bristol, Reino Unido.
1 e 2 REIS

G. Michael Butterworth, B.Sc., B.D., M.Phil., Ph.D., professor, Oak Hill College, e diretor Oak Hill Extension College, Londres, Reino Unido.
OSEIAS, NAUM, ZACARIAS

*Donald A. Carson, B.Sc., M.Div., Ph.D., professor-pesquisador de Novo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos.
COMO ABORDAR A BÍBLIA, COMO LER AS EPISTOLAS

David J. Clines, M.A., professor de estudos bíblicos, University of Sheffield, Reino Unido. **JÓ**

R. Alan Cole, Ph.D., ex-professor de Antigo Testamento, Moore Theological College, Sydney, Austrália, e Trinity Theological College, Cingapura.
MARCOS

Peter H. Davids, B.A., M.Div., Ph.D., pesquisador e professor de teologia, Langley Vineyard Christian Fellowship, Langley, British Columbia, Canadá.
TIAGO

Michael A. Eaton, B.D., B.Th., M.Th., D.Th, pastor titular, Crisco Fellowship of Nairobi, e professor, Nairobi Evangelical Graduate School of Theology, Nairóbi, Quênia. **ECLESIASTES**

Sinclair B. Ferguson, M.A., B.D., Ph.D., professor de teologia sistemática, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos.
DANIEL



Francis Foulkes, B.A., B.D., M.A.,
M.Sc., ex-curador, St John's Theological
College, Auckland, Nova Zelândia.
FILIPENSES

*Richard T. France, M.A., B.D., Ph.D.,
diretor, Wycliffe Hall, Oxford, Reino
Unido. **COMO LER OS EVANGELHOS**

Conrad Gempf, Ph.D., professor titular,
London Bible College, Londres, Reino
Unido. **ATOS**

John E. Goldingay, B.A., Ph.D., diretor,
St John's College, Nottingham, Reino
Unido. **PROVÉRBIOS**

Donald Guthrie (falecido), B.D., M.Th.,
Ph.D., ex-vice-diretor, London Bible
College, Londres, Reino Unido.
JOÃO, EPÍSTOLAS PASTORAIS

Gordon P. Hugenberger, M.Div., Ph.D.,
professor adjunto de Antigo Testamento,
Gordon-Conwell, South Hamilton,
Massachusetts, e pastor titular, Lanesville
Congregational Church, Gloucester,
Massachusetts, Estados Unidos.
MALAQUIAS

Philip P. Jenson, M.A., S.T.M., Ph.D.,
professor de Antigo Testamento e
hebraico, Trinity College, Bristol, Reino
Unido. **POESIA NA BÍBLIA**

F. Derek Kidner, M.A., A.R.C.M.,
ex-curador, Tyndale House, Cambridge,
Reino Unido. **ISAÍAS**

Colin G. Kruse, B.D., Th.L., M.Phil.,
Ph.D., professor titular de Novo
Testamento, Ridley College, University
of Melbourne, Austrália. **2CORÍNTIOS**

I. Howard Marshall, M.A., B.D.,
Ph.D., professor de exegese do Novo
Testamento, University of Aberdeen,
Reino Unido.
LUCAS, 1 e 2TESSALONICENSES

J. Gordon McConville, M.A., B.D.,
Ph.D., professor de Antigo Testamento,

Wycliffe Hall, Oxford, Reino Unido.
**HISTÓRIA BÍBLICA,
DEUTERONÔMIO, JEREMIAS,
LAMENTAÇÕES**

L. John McGregor, B.A., Ph.D.,
programador e analista de sistemas,
East Grinstead, Reino Unido.
EZEQUIEL

Douglas J. Moo, Ph.D., professor de Novo
Testamento, Trinity Evangelical Divinity
School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos.
ROMANOS

Leon L. Morris, B.Sc., M.Th., Ph.D.,
M.Sc., ex-diretor, Ridley College,
Melbourne, Austrália.
CARTAS JOANINAS

*J. A. Motyer, M.A., B.D., ex-diretor,
Trinity College, Bristol, Reino Unido.
SALMOS, AMÓS

Peter J. Naylor, B.A., D.Phil., A.C.A.,
contabilista, Cardiff, Reino Unido.
NÚMEROS

Peter T. O'Brien, Ph.D., vice-diretor,
Moore Theological College, Sydney,
Austrália. **COLOSSENSES, FILEMOM**

David F. Payne, M.A., deão acadêmico,
London Bible College, Londres, Reino
Unido. **1 e 2SAMUEL**

David F. Pennant, M.A., B.D., Ph.D.,
diretor de música, St Andrew's
School, Horsell, Woking Surrey; ex-
pastor interino, St Saviour's Church,
Brookwood, Reino Unido. **AGEU**

David G. Peterson, M.A., B.D.,
Ph.D., Th. Schol., chefe do
Departamento de Ministério, professor
de Novo Testamento, Moore Theological
College, Sydney, Austrália. **HEBREUS**

Moisés Silva, A.B., B.D., Th.M.,
Ph.D., professor de Novo Testamento,
Westminster Theological Seminary,
Filadélfia, Estados Unidos. **GÁLATAS**



Douglas Stuart, Ph.D., professor de Antigo Testamento e chefe da Divisão de Estudos Bíblicos, Gordon-Conwell Theological Seminary, South Hamilton, Massachusetts, Estados Unidos. **JONAS**

Max Turner, M.A., Ph.D., diretor de pesquisa e professor de Novo Testamento, London Bible College; ex-professor de Novo Testamento, King's College, Aberdeen, Reino Unido. **EFÊSIOS**

Bruce Waltke, Th.D., Ph.D., professor de Antigo Testamento, Regent College, Vancouver, Canadá.
JOSUÉ, MIQUEIAS

Barry G. Webb, B.A., B.D., Ph.D., chefe do Departamento de Hebraico e Antigo Testamento, Moore Theological College, Sydney, Austrália. **JUÍZES**

*Gordon J. Wenham, M.A., Ph.D., professor titular de estudos religiosos, Cheltenham and Gloucester College of Higher Education, Cheltenham, Reino Unido. **PENTATEUCO, GÊNESIS**

David H. Wheaton, M.A., B.D., pastor da Christ Church, Ware; membro honorário da equipe pastoral da St Albans Cathedral; capelão honorário da rainha; ex-diretor, Oak Hill College, Londres, Reino Unido.
1 e 2 PEDRO, JUDAS

Michael J. Wilcock, B.A., pastor da St Nicholas' Church, Durham; ex-diretor de Estudos Pastorais, Trinity College, Bristol, Reino Unido. **1 e 2 CRÔNICAS**

H. G. M. Williamson, M.A., Ph.D., D.D., F.B.A., real professor de hebraico, University of Oxford, e pesquisador da Christ Church, Oxford, Reino Unido.
ESDRAS e NEEMIAS

Bruce Winter, B.A., M.Th., Ph.D., curador, Tyndale House, Cambridge, Reino Unido. **1 CORÍNTIOS**

Christopher J. H. Wright, M.A., Ph.D., diretor, All Nations Christian College, Ware, Reino Unido. **LEVÍTICO**

*Editor-consultor



ABREVIATURAS

Abreviaturas gerais e traduções bíblicas

c.	por volta de (usada com datas)
cp.	capítulo(s)
cf.	compare
Sr	Sirácida (ou Eclesiástico, um dos apócrifos)
s. (ss.)	e versículo(s) seguinte(s)
gr.	grego
lit.	literalmente
LXX	Septuaginta (versão grega do AT)
Mb	Macabeus (entre os apócrifos)
mg.	Margem
Ms/Mss	manuscrito(s)
TM	Texto Massorético (do AT)
N,S,L,O	norte, sul, leste, oeste
NT	Novo Testamento
AT	Antigo Testamento
1QH	Hinos de Ação de Graças (um dos textos de Qumran)
1QS	Regras da Comunidade (um dos textos de Qumran)
v.	versículo(s)
ARA	Almeida Revista e Revisada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
ACF	Almeida Corrigida Fiel
AV	Authorized Version of the Bible (King James Version)
BJ	Bíblia de Jerusalém
BFH	A Bíblia Fala Hoje
VFL	Versão Fácil de Ler(NT)
NVI	Nova Versão Internacional
NEB	New English Bible
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NASB	New American Standart Bible
NRSV	New Revised Standart Version
TB	Tradução Ecumênica da Bíblia
RSV	Revised Standard Version of the Bible
REB	Revised English Bible
SCB	Série Cultura Bíblica

Livros e periódicos de referência

AB	Anchor Bible
<i>Ann.</i>	<i>Annales</i> (Tácito)
<i>Ant.</i>	<i>Antiguidades dos Judeus</i> (Josefo)
<i>BAR</i>	<i>British Archaeological Review</i>
BBC	Broadman Bible Commentary
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
BNTC	Black's New Testament Commentaries
BST	The Bible Speaks Today
CC	The Communicator's Commentary
DSB	Daily Study Bible
EBC	Expositor's Bible Commentary
<i>ExpT</i>	<i>Expository Times</i>
<i>DIB</i>	<i>Dicionário Ilustrado da Bíblia</i>
ITC	International Theological Commentary
IVPNTC	Inter-Varsity Press New Testament Commentary
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JSNTS</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament (volumes suplementares)</i>
<i>JSOTS</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament (volumes suplementares)</i>
<i>NDB</i>	<i>Novo Dicionário da Bíblia</i>
NCB	New Century Bible
<i>NIBC</i>	<i>New International Bible Commentary</i>
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
OTL	Old Testament Library
OBS	Oxford Bible Series
QRBT	Quick Reference Bible Topics
TBC	Torch Bible Commentaries
TNTC	Tyndale New Testament Commentary
TOTC	Tyndale Old Testament Commentary
WBC	Word Biblical Commentary



TRANSLITERAÇÕES

Hebraico

א = ' <i>a</i>	ד = <i>d</i>	י = <i>y</i>	ס = <i>s</i>	ר = <i>r</i>
ב = <i>b</i>	ה = <i>h</i>	כ = <i>k</i>	ע = ' <i>e</i>	ש = <i>ś</i>
ב = <i>b</i>	ו = <i>w</i>	כ = <i>k</i>	פ = <i>p</i>	ש = <i>sh</i>
ג = <i>g</i>	ז = <i>z</i>	ל = <i>l</i>	פ = <i>p</i>	ת = <i>t</i>
ג = <i>g</i>	ח = <i>h</i>	מ = <i>m</i>	צ = <i>ts</i>	ת = <i>t</i>
ד = <i>d</i>	ט = <i>t</i>	נ = <i>n</i>	ק = <i>q</i>	

Vogais longas

(י) = <i>â</i>	א = <i>ā</i>
י = <i>ê</i>	א = <i>ē</i>
י = <i>î</i>	א = <i>ō</i>
י = <i>ô</i>	
י = <i>û</i>	

Vogais breves

א = <i>a</i>
א = <i>e</i>
א = <i>i</i>
א = <i>o</i>
א = <i>u</i>

Vogais brevíssimas

א = <i>ì</i>
א = <i>ě</i>
א = <i>°</i> (caso seja vocálico)
א = <i>ö</i>

Grego

α = <i>a</i>	ι = <i>i</i>	ρ = <i>r</i>	ρ = <i>rh</i>
β = <i>b</i>	κ = <i>k</i>	σ, ζ = <i>s</i>	' = <i>h</i>
γ = <i>g</i>	λ = <i>l</i>	τ = <i>t</i>	γξ = <i>nx</i>
δ = <i>d</i>	μ = <i>m</i>	υ = <i>y</i>	γγ = <i>ng</i>
ε = <i>e</i>	ν = <i>n</i>	φ = <i>f, ph</i>	αυ = <i>au</i>
ζ = <i>z</i>	ξ = <i>x</i>	χ = <i>ch</i>	ευ = <i>eu</i>
η = <i>ē</i>	ο = <i>o</i>	ψ = <i>ps</i>	ου = <i>ou</i>
θ = <i>th</i>	π = <i>p</i>	ω = <i>ō</i>	υι = <i>yi</i>



COMO ABORDAR A BÍBLIA

O QUE É A BÍBLIA

Revelação

A teologia bíblica é um todo orgânico. Isso significa que não só é possível abordar qualquer parte do assunto a partir de qualquer outro ponto do mesmo assunto (embora alguns pontos de partida sejam, certamente, mais proveitosos do que outros), mas significa também que tratar um determinado elemento da teologia bíblica como se ele existisse totalmente isolado é algo que distorce seriamente o quadro no seu todo.

Em bem poucos assuntos isso é mais óbvio e verdadeiro do que no que diz respeito à doutrina das Escrituras. Nesta era de ceticismo é de duvidar se um entendimento bem-elaborado e coerente acerca da natureza das Escrituras, e da maneira de interpretá-las em determinada situação, pode ser mantido por muito tempo numa situação em que, ao mesmo tempo, inexiste uma compreensão da ideia bíblica sobre Deus, os seres humanos, o pecado, a redenção e o avanço da história rumo ao seu destino derradeiro.

Por exemplo, se é verdade que a Bíblia nos fala de Deus, e nos diz mais do que simplesmente o tipo de Deus que ele é, é igualmente verdade que, a menos que Deus seja esse tipo de Deus, é impossível reconhecer a Bíblia pelo que ela é. Para abordar corretamente a Bíblia, é importante saber algo do Deus que está por trás dela.

Deus é tanto transcendente (*i.e.*, ele está “acima” do tempo e do espaço) quanto pessoal. É o Criador soberano e todo-poderoso a quem o universo inteiro deve sua existência; e, ao mesmo tempo, é o Deus que graciosamente aceita interagir conosco, seres humanos, os quais ele mesmo formou à sua própria imagem. Pelo fato

de estarmos presos ao tempo e ao espaço, é aqui que Deus se encontra conosco; é o Deus pessoal que interage com outras pessoas que criou para glorificá-lo e desfrutar da comunhão com ele para sempre.

Em resumo, Deus escolheu revelar-se a nós, pois doutra forma saberíamos muito pouco acerca dele. É verdade que sua existência e poder revelam-se na ordem criada, muito embora essa ordem tenha cicatrizes profundas devido à rebeldia humana e suas consequências (Gn 3.18; Rm 8.19-22; v. Sl 19.1,2; Rm 1.19,20). Também é verdade que, na consciência humana, se reflete uma imagem muito tênue dos atributos morais de Deus (Rm 2.14-16). Mas esse conhecimento não é suficiente para conduzir à salvação. Além do mais, a pecaminosidade humana é tão ardilosa que nem se dá ao trabalho de menosprezar uma revelação como essa. Mas, em sua graça sem medida, Deus intervém ativamente no mundo que fez, a fim de revelar-se a homens e mulheres de maneiras ainda mais poderosas.

Isso foi verdadeiro mesmo antes da queda. Deus entregou certas responsabilidades às criaturas que fez à sua própria imagem (sendo isso mesmo um ato de revelação) e, então, encontrou-se com eles no jardim que fizera para eles. Quando Deus escolheu Abraão, estabeleceu uma aliança com ele, revelando-se como *seu* Deus (Gn 15; 17). Quando redimiu Israel da escravidão, Deus não apenas falou com Moisés, mas apresentou-se na forma de pragas aterrorizadoras e de trovões e relâmpagos do monte Sinai. Embora toda a terra seja dele, ele escolheu Israel como o povo da sua aliança e fez deles um reino de sacerdotes e uma nação santa (Êx 19.5,6).

A eles se revelou não apenas em espetaculares demonstrações de poder, mas em sua Torá (lit. “instrução”), que incluía não apenas prescrições detalhadas para a vida diária, mas também conjuntos completos de práticas religiosas estabelecidas (tabernáculo/templo, sacrifícios, sacerdócio).

Em todo o período coberto pelo AT, Deus se revelou por meio da providência (e.g., as circunstâncias que levaram José ao Egito, Gn 37—50; 50.19,20; a insônia numa certa noite na vida de Xerxes; Et 6.1ss.; os decretos, de Ciro e Dario, que produziram a volta de alguns hebreus a Jerusalém depois do exílio); de acontecimentos miraculosos (e.g., a sarça ardente, Êx 3; o fogo no monte Carmelo, 1Rs 18); das palavras proféticas (“a palavra do SENHOR” vem repetidas vezes aos profetas); da poesia e dos cânticos (e.g., Salmos). Mas, mesmo quando os crentes do AT sabiam que Deus havia se revelado ao povo de sua aliança, este tinha consciência de que ele prometera uma revelação mais clara no futuro. Deus prometeu uma época quando um novo ramo surgiria da linhagem de Davi (Is 11), um homem que se assentaria no trono de Davi, mas que, apesar disso, seria chamado de o Deus Poderoso, o Pai Eterno, o Príncipe da Paz (Is 9). O próprio Deus desceria e conduziria a um novo céu e a uma nova terra (Is 65). Ele derramaria o seu Espírito (Jl 2), introduziria uma nova aliança (Jr 31; Ez 36), ressuscitaria os mortos (Ez 37) e muito mais.

Os autores do NT estão convictos de que a tão aguardada autorrevelação de Deus e sua salvação chegaram até nós na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus. No passado, Deus se revelara basicamente por meio dos profetas, mas agora, nestes últimos dias, ele se revelou suprema e decisivamente no Filho (Hb 1.2). O Filho é a perfeita imagem do Pai (2Co 4.4; Cl 1.15; Hb 1.3); toda a plenitude de Deus habita nele (Cl 1.9; 2.9). Ele é a encarnação da autoexpressão de Deus; é o Verbo de Deus feito carne (Jo 1.1,14,18).

Essa revelação centrada no Filho se vê não apenas na pessoa de Jesus, mas também em seus feitos. Não apenas em seu ensino, pregação e cura, mas supremamente na cruz e na ressurreição é que Jesus revela Deus e consuma o plano divino de redenção. Mediante o Espírito, que o Cristo exaltado outorgou (Jo 14—16), Deus convence o mundo (Jo 16.7-11), ajuda os crentes em seu testemunho (Jo 15.27,28) e, acima de tudo, manifesta-lhes a si próprio ao fazer morada neles (Jo 14.19-26). Dessa forma, Deus se revela por intermédio do Espírito Santo, que é a garantia e o sinal de entrada da herança prometida (Ef 1.13,14). Um dia acontecerá a autorrevelação derradeira, e todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é Senhor para a glória de Deus Pai (Fp 1.11; cf. Ap 19—22).

O ponto a ser destacado é que uma compreensão genuinamente cristã da Bíblia pressupõe o Deus da Bíblia, um Deus que se faz conhecido de um grande número de maneiras, de modo que seres humanos conheçam o propósito para o qual foram feitos — conhecer e amar e adorar a Deus e, dessa forma, ter prazer nesse relacionamento em que Deus é glorificado, ao mesmo tempo em que recebem o benefício incomparável de se tornarem tudo aquilo que Deus quer que sejam. Qualquer conhecimento genuíno que os seres humanos possuam de Deus depende de Deus se revelar primeiro.

A palavra de Deus

O que não se deve ignorar é que esse Deus é um Deus que fala. Não há dúvida de que ele se revela a nós de muitas maneiras, mas a palavra não é a menos importante delas.

Em português, pode-se entender a palavra “revelação” num sentido ativo ou passivo, *i.e.*, ou como a atividade pela qual Deus se revela ou como o resultado dessa atividade. Quando se refere à autorrevelação de Deus mediante palavras, o sentido ativo imagina Deus fazendo-se conhecido por palavras, ao passo que o sentido



passivo se concentra nas palavras em si, na medida em que são a mensagem que Deus escolhe transmitir.

Nunca é demais realçar a importância da fala divina como recurso fundamental de sua autorrevelação. A própria criação é o produto da fala divina: Deus fala, e mundos vêm à existência (Gn 1). Muitos dos mais impressionantes feitos de revelação não seriam compreensíveis sem a correspondente fala divina. Moisés vê a sarça ardente com curiosidade até que a voz lhe diz para tirar as sandálias e lhe atribui suas novas responsabilidades. Abraão não teria tido motivo algum para sair de Ur se não fosse pela revelação divina em palavras. Vez após vez, os profetas carregam o peso de transmitir “a palavra do SENHOR” ao povo. A revelação verbal é essencial mesmo no caso do Senhor Jesus: durante os dias em que viveu no mundo ele foi, antes de tudo, o mestre. Além disso, sem a explicação do significado de sua morte e ressurreição, preservada tanto nos evangelhos quanto nas epístolas, mesmo esses acontecimentos cruciais teriam sido lastimavelmente obscuros. A fala divina é tão fundamental em sua autorrevelação que, quando o evangelista João busca uma maneira completa de referir-se à derradeira autorrevelação em seu Filho, escolhe referir-se a ele como “o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1,14). O cavaleiro de Apocalipse 19 é chamado assim: “Fiel e Verdadeiro [...] Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus” (19.11,13).

É claro que demonstrar que Deus é um Deus que fala e que suas palavras são um elemento fundamental em sua graciosa manifestação de si mesmo para nós, por si só, não demonstra que a Bíblia é produto daquela revelação ativa e que, dessa maneira, é ela mesma revelação no sentido passivo. De fato, a expressão “a palavra de Deus” tem, na Bíblia, uma ampla gama de usos. Todos pressupõem que Deus fala, que não

é um mero e impessoal “fundamento de todo ser” nem um “outro” misterioso; mas a variedade de usos é digna de nota. Por exemplo, frequentemente se afirma que “a palavra de Deus” ou “a palavra do SENHOR” “veio” a um de seus profetas (e.g., Jr 1.2; Ez 30.1; Os 1.1; Lc 3.2). Geralmente, não se explica como essa “palavra” ou “mensagem” chega. Fica claro, no entanto, que mesmo esses exemplos são suficientes para demonstrar que na própria Bíblia a expressão “a palavra de Deus” não necessariamente se refere às Escrituras.

Alguns que fazem tal observação vão além e defendem que é inapropriado falar das Escrituras como a palavra de Deus. Em vez disso, sustentam que, caso a expressão “a palavra de Deus” seja empregada para referir-se à Bíblia, isso deve assumir um sentido amplo: a mensagem da Bíblia, aquilo que, em termos gerais, Deus revelou a testemunhas humanas, ou algo parecido. Não deve ser empregada para referir-se às palavras reais das Escrituras.

Todavia, isso é, com certeza, cometer o erro oposto. Jesus pôde repreender seus adversários por colocarem suas tradições acima da “palavra de Deus” (Mc 7.13), e o que teve em mente foram as Escrituras que já foram dadas. Se algumas mensagens da parte de Deus são expressas em termos mais genéricos, um número substancial é expresso como oráculos, falas, do próprio Deus. É assim que, com modéstia, a profecia de Amós começa “As palavras [...] que vieram a Amós”, mas, ao longo de todo o livro, um oráculo após outro é iniciado com alguma expressão do tipo: “Assim diz o SENHOR” (2.6) ou: “Portanto, assim diz o SENHOR Deus” (3.11). Jeremias descreve a revelação de Deus como algo que lhe vem quase que por ditado, de forma que, quando o primeiro manuscrito é destruído, na sua graça, Deus entrega novamente a mensagem (Jr 30.2; 36.27-32). Davi insiste que “as palavras do SENHOR são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes” (Sl 12.6). Quando

levamos nossa investigação até o NT, encontramos um autor após outro dizendo que “Deus diz” algo que se acha em um ou outro livro canônico. Conquanto autores do NT frequentemente se refiram àquilo que Moisés ou Isaías ou alguém mais diz (e.g., Rm 9.29; 10.19), também podem se referir àquilo que o próprio Deus diz quando fala ao autor de determinado livro do AT (e.g., Rm 9.15,25). Além do mais, podem dizer que “Deus diz” ou “o Espírito Santo diz” mesmo quando citam passagens das Escrituras em que o autor do AT não recebe uma mensagem direta de Deus (e.g., Hb 7.21; 10.15). Às vezes emprega-se uma fórmula mais longa, e.g.: “o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta” (Mt 1.22); “a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi” (At 1.16).

Esse breve esboço dos dados existentes buscou mostrar que Deus se revelou de muitas maneiras, mas especialmente na revelação verbal. Identificamos elementos que mostram que a revelação verbal está ligada às próprias Escrituras, mas não nos aprofundamos nessa direção. Antes de fazê-lo, na revelação bíblica há um elemento correlato que se deve mencionar rapidamente.

A palavra de seres humanos

Mesmo uma leitura superficial da Bíblia revela que ela não é o resultado de um ditado divino puro e simples e muito menos que é algo que, vindo do céu, foi entregue em placas de ouro. Apesar de suas muitas afirmações de ser revelação e ter autoridade divina, a Bíblia é muito surpreendentemente um livro humano — ou, para sermos mais exatos, 66 documentos surpreendentemente humanos. Autores canônicos citam autores mais antigos pelo nome, tratando muitos dos documentos como produzidos por pessoas históricas, mas sem indicarem, nem mesmo por um instante, que essa dimensão humana diminui a autoridade dos documentos. Aliás, algumas das alusões às

Escrituras do AT são feitas com uma notável informalidade, e.g.: “alguém, em certo lugar” (Hb 2.6). Se vamos considerar claramente como os cristãos devem abordar a Bíblia, então, por mais que declaremos que as Escrituras são Palavra de Deus (uma questão na qual ainda insistiremos), não se pode ignorar essa dimensão decididamente humana.

Há várias implicações importantes. A Bíblia não chegou até nós de uma vez só, mas ao longo de um período de aproximadamente mil e quinhentos anos, pelas mãos de muitos seres humanos, sendo que a identidade de alguns é totalmente desconhecida. A primeira implicação é, então, que a Bíblia está profundamente arraigada na história. Os vários autores humanos representam culturas, idiomas, acontecimentos históricos, pressuposições e maneiras que são concretos. O paralelo óbvio, para o qual se tem frequentemente chamado a atenção, é a encarnação. O Filho Eterno, o Verbo pré-existente, tornou-se encarnado. Ele é tanto Deus quanto homem. A formulação clássica ainda é a melhor: o Filho eterno tornou-se encarnado na história, duas naturezas, uma pessoa. Não se pode discernir verdadeiramente a Jesus Cristo, e nele crer, caso se rejeite ou enfraqueça sua divindade ou sua humanidade. De modo um tanto semelhante, a Bíblia é tanto divina quanto humana. É a revelação de Deus e é um registro humano. A mensagem, incluindo as próprias palavras, é divina, tendo o Deus eterno como origem. Contudo, é um livro profundamente humano, escrito na história, um só livro com duas naturezas. É claro que não se deve ir muito longe com a analogia. Jesus Cristo é ele próprio tanto Deus quanto homem, mas ninguém diria que a Bíblia é ela própria Deus e homem; jamais passa de uma ferramenta nas mãos de um Deus que se revela. Jesus Cristo deve ser adorado; a Bíblia em si não deve ser adorada. No entanto, a comparação, se feitas as devidas ressalvas, é proveitosa caso nos forneça algumas categorias que



nos ajudem a compreender aquilo que a Bíblia é e também caso nos incentive à humildade quando nos aproximamos desse livro. Em todo nosso exame das Escrituras, jamais devemos abrir mão da virtude da humildade — humildade diante do Deus que, de forma tão graciosa, se adaptou às nossas necessidades a ponto de se desvelar poderosamente tanto no Verbo encarnado quanto na palavra escrita.

A segunda implicação é que a revelação preservada na Bíblia não é um sistema abstrato, seja filosófico, ético ou teológico. O budismo se mantém ou desmorona como um sistema de pensamento: caso se provasse que Gautama, o Buda, nunca viveu, a religião que leva o seu nome não correria risco. Não é esse o caso do cristianismo. A despeito da imensa diversidade literária existente na Bíblia, no seu todo ela conta uma história, e essa história se passa no tempo e no espaço. Apesar dos melhores esforços que alguns estudiosos têm empreendido em alegar que a fé bíblica jamais deve estar aprisionada à pesquisa histórica, há uma percepção acentuada de que a natureza da graciosa automanifestação divina, que ocorre na história simples e comum (por mais espetaculares ou milagrosos que sejam alguns dos elementos dessa revelação), assegura que não há como fugir da investigação histórica. Se Jesus Cristo nunca viveu, o cristianismo está destruído; se ele nunca morreu na cruz, o cristianismo está destruído. Se jamais ressuscitou dos mortos, o cristianismo está destruído. Por mais que o objetivo derradeiro da fé cristã seja Deus, essa fé é incoerente se declara fé no Deus da Bíblia, mas não no Deus que, segundo a Bíblia, se revela na história que é, em grande parte, acessível e verificável. Em resumo, os elementos da história bíblica, em toda a sua dimensão, são essenciais à integridade da mensagem cristã.

Em terceiro lugar, pelo fato de a Bíblia ser tão convincentemente humana, ela inclui não apenas a graciosa autorrevelação de Deus a nós, mas também o testemunho

humano sobre Deus. O livro de Atos, por exemplo, relata muitos incidentes em que os apóstolos confrontaram com ousadia as autoridades que procuravam silenciá-los, e a confiança inabalável desses primeiros cristãos está ligada à imutabilidade de sua convicção de que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Eles o haviam visto; aliás, de acordo com Paulo, mais de quinhentas testemunhas o haviam visto (1Co 15). Muitos dos salmos oferecem um testemunho tocante de como aqueles que creem no Deus vivo reagem às circunstâncias em transformação e às tempestades da vida. De forma mais ampla, muitas pessoas que são descritas nas Escrituras, ou que foram autoras das Escrituras, interagiram profundamente com seus contemporâneos. Não são simples secretários que recebem ditados vindos do céu. Não se consegue ler o teor apaixonado de, digamos, Paulo em 2Coríntios 10—13, ou a indignação moral de Amós, ou a ferida profunda refletida em Lamentações ou em Habacuque, ou a preocupação de Judas diante do desvio teológico, ou o testemunho firme e comprometido de Mateus e João, ou o transparente carinho que Paulo revela em Filipenses, sem reconhecer que a Bíblia descreve pessoas de verdade e que foi escrita por pessoas também de verdade. Por mais que elas sejam usadas para transmitir a verdade divina a gerações posteriores, também dão testemunho de sua experiência pessoal e profunda de Deus.

Essas três implicações aparecem juntas numa quarta. Conforme vimos, os autores humanos da Bíblia estão profundamente enraizados na história; descrevem sua participação no evento; dão testemunho. O que descobrimos é que os autores bíblicos posteriores não apenas pressupõem a historicidade dos principais acontecimentos da história redentora (tais como a queda, o chamado de Abraão e a aliança de Deus com ele, o êxodo e a promulgação da lei, o surgimento dos profetas, o estabelecimento da monarquia davídica, o ministério, morte e ressurreição de Jesus), mas também

pressupõem que sejam fidedignos até mesmo os relatos bíblicos de acontecimentos históricos relativamente menos importantes. A rainha do sul visitou Salomão (Mt 12.42; Lc 11.31,32), Davi comeu os pães da proposição (Mc 2.25,26), Moisés ergueu a serpente no deserto (Jo 3.14), Abraão deu a Melquisedeque um décimo dos despojos (Hb 7.2), oito pessoas se salvaram na arca (1Pe 3.20), a mula de Balaão falou (2Pe 2.16) — para oferecer apenas uns poucos exemplos. Um dos exemplos mais intrigantes está nos lábios de Jesus (Mt 22.41-46; Mc 12.35-37) quando ele cita Salmos 110, que, de acordo com o subtítulo, é um salmo de Davi. O que se deve observar de importante é que, aqui, o peso da argumentação de Jesus depende totalmente da pressuposição de que o subtítulo seja autêntico. Caso o salmo não tenha sido escrito por Davi, então Davi não falou do Messias como seu Senhor, embora ainda mencionando o “meu Senhor” a quem “o Senhor” falou. Se, digamos, um corteção houvesse composto o salmo, poderíamos então facilmente entender que “meu Senhor” era referência ao próprio Davi ou a um dos monarcas que o sucederam (como muitos críticos contemporâneos conjecturam). Mas, caso entendamos, como Jesus, que o subtítulo diz a verdade, é quase inevitável alguma espécie de interpretação messiânica. Em suma, as referências históricas são não apenas abundantes e bem interligadas, mas, sempre que Escrituras posteriores citam exemplos anteriores, jamais alimentam suspeita de que o relato é enganador, não histórico, correto apenas num nível teológico ou algo do gênero.

Finalmente, reconhecendo-se que a Bíblia foi escrita por muitas pessoas ao longo de muitos séculos, não podemos nos surpreender que ela seja constituída de muitos gêneros literários. Poesia e prosa, narrativa e discurso, oráculo e lamento, parábola e fábula, história e teologia, genealogia e apocalíptica, provérbio e salmo, evangelho e carta, lei e literatura de sabedoria, relató-

rio e sermão, dístico e épico — a Bíblia é constituída de todos esses e muitos mais. Padrões de alianças emergem com alguma semelhança aos tratados hititas; listas de deveres domésticos são encontradas e possuem notável semelhança com códigos de conduta existentes no mundo helênico. E essas realidades, um subproduto da humanidade da Bíblia, influenciam necessariamente como devemos abordar a Bíblia, a fim de interpretá-la corretamente.

Escrituras e cânon

Caso reconheçamos que Deus é um Deus que fala, que sua autorrevelação inclui revelação verbal e que, com frequência, tem usado seres humanos como porta-vozes, temos de indagar, primeiramente, como passamos daquilo que parece um processo basicamente pessoal e oral para as Escrituras, ou seja, para textos escritos e públicos (o tema desta seção); e, em segundo lugar, como devemos entender a relação entre aquilo que Deus fala e aquilo que seu agente humano fala (o tema da seção seguinte).

É óbvio que, embora as Escrituras descrevam Deus falando por meio de seres humanos, o único acesso que temos a tais fenômenos durante o período da história abrangido pelas Escrituras está nas próprias Escrituras. Isso está pressuposto, por exemplo, na pergunta retórica de Jesus: “Não tendes lido o que Deus vos declarou?” (Mt 22.31). As alternativas resultantes parecem ser então que, ou as Escrituras não são mais do que um testemunho (falível) de tal revelação verbal divina, ou são nada menos do que o produto de tal revelação. No primeiro caso, o intérprete tem de decidir, com o máximo de sua capacidade, quais são aquelas partes das Escrituras que constituem um testemunho fiel do Deus que se revela em feitos e em palavras, pondo de lado aquelas que não são um testemunho fidedigno ou confiável — e informar quais as bases em que tomou essas decisões. No segundo caso, deve-se entender que a Bíblia é



não apenas um testemunho fiel da graciosa autorrevelação divina em palavras e ações, mas também a própria expressão da revelação verbal de Deus à humanidade. Essas visões alternativas sobre as Escrituras terão, certamente, um efeito na maneira como abordamos as Escrituras.

Não deve haver quase nenhuma dúvida sobre o modo como Escrituras posteriores se referem a Escrituras mais antigas; dezenas e dezenas de passagens deixam claro que, para esses leitores, não importa o que as Escrituras digam, é Deus quem o diz. É claro que uma formulação dessas permite que se registre que Satanás e todo tipo de pessoas más falem dentro das Escrituras; invariavelmente o contexto deixa patente que o propósito de registrar tais falas é que façam parte de um relato mais amplo em que fica apresentada, implícita ou explicitamente, a perspectiva divina. No entanto, deve-se ter bastante cuidado em identificar exatamente qual o gênero literário que está sendo empregado e exatamente qual a mensagem que está sendo transmitida, e o resultado é nada menos do que a mente de Deus sobre o assunto.

Dessa forma, em Mateus 19.5, as palavras de Gênesis 2.24, que na narrativa de Gênesis não são atribuídas a Deus, são assim mesmo apresentadas como aquilo que Deus “disse”. Deus mesmo falou pela boca dos santos profetas (e.g., Lc 1.70). Se os discípulos foram considerados tolos por deixarem de crer em “tudo o que os profetas disseram” (Lc 24.25), então o significado daquilo que os discípulos deviam ter entendido e que Jesus explica a eles é “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). O evangelho é nada menos do que aquilo que Deus havia “prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho” (Rm 1.2,3). As palavras das Escrituras e as palavras de Deus são tão equivalentes que Paulo pôde personificar as Escrituras: “Porque a Escritura diz a Faraó” (Rm 9.17); “tendo a Escritura previsto que

Deus justificaria pela fé os gentios” (Gl 3.8); “Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado” (Gl 3.22). Nenhuma dessas frases faz sentido a menos que Paulo pressuponha que o que as Escrituras dizem, Deus diz. Essa questão ganha formulação explícita em 2Timóteo 3.16: “Toda a Escritura [*graphē*] é inspirada por Deus e útil...”. É verdade que, nesse contexto, a referência é àquilo que chamamos de Escrituras do AT. Observe-se o versículo antecedente: desde a infância Timóteo havia conhecido “as sagradas letras” [*hiera grammata*]; além do mais, essa passagem nada declara sobre os exatos limites das Escrituras, dessa forma não estabelecendo um cânon consensual. No entanto, o que a passagem realmente faz é afirmar que, se um corpo literário está incluído nas “Escrituras”, deve-se julgá-lo como “inspirado por Deus” (a tal respeito examinaremos mais detalhadamente adiante) e tratá-lo consoantemente.

A mesma posição, de acordo com os autores dos evangelhos, é pressuposta pelo próprio Senhor Jesus. Ele insistiu que “a Escritura não pode falhar” (Jo 10.35). Quando se refere a Moisés, Jesus está pensando no que Moisés escreveu, i.e., as Escrituras: “Quem vos acusa é Moisés [ele disse a alguns de seus oponentes], em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?” (Jo 5.45-47). Por mais difícil que seja a interpretação de Mateus 5.17-20 ou por mais contestada que seja a natureza exata do “cumprimento”, certamente está claro que, quando Jesus diz: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mt 5.18), ele pressupõe a veracidade e a confiabilidade da “Lei” (que no contexto se refere à totalidade das Escrituras: cf. “a Lei” e “os Profetas” em 5.17; 7.12) *tal como se acha registrada nas Escrituras*. A autoridade

divina, que tanto Jesus quanto seus primeiros seguidores atribuem às Escrituras, constitui o poder que fica pressuposto na fórmula frequentemente repetida e que introduz muitas citações das Escrituras: “Está escrito” (e.g., Mt 4.4; Rm 9.33), eles disseram — e isso bastava.

Aqui se introduziu apenas uma ínfima parcela dos dados, mas é suficiente para mostrar que, para Jesus e os autores do Novo Testamento, as Escrituras já existentes não eram vistas como um testemunho meramente escrito da revelação de Deus; pelo contrário, tais Escrituras eram elas próprias, simultaneamente, o produto de autores humanos e a revelação do Deus que fala. O que as Escrituras disseram, Deus disse. Por mais que sua autoridade não proceda de si mesma, aquilo que a Bíblia diz está carimbado com a autoridade de Deus, pois suas palavras são as palavras de Deus.

O cânon das Escrituras

Por si só este exame nada diz sobre o escopo das Escrituras. Mesmo concordando acerca da natureza das Escrituras, ainda fica a definir a questão de quais escritos constituem as Escrituras. O que forma o cânon das Escrituras, e como sabemos que é assim, é um assunto complexo sobre o qual muito se tem escrito. Este brevíssimo sumário deve bastar.

1. Muitos têm alegado que as Escrituras do AT foram canonizadas (*i.e.*, reconhecidas como uma lista fechada de escritos) em três etapas: primeiro, a Torá (aqui com o sentido do que chamamos de Pentateuco, os cinco primeiros livros); segundo, os Profetas; terceiro, os Escritos. Conforme com frequência se alega, não se chegou à última etapa senão no final do século I da era cristã, no Concílio de Jamnia. No entanto, mais e mais vem-se reconhecendo que, no que diz respeito ao cânon, Jamnia nada mais fez do que revisar argumentos a favor de dois dos livros dos Escritos (Eclesiastes e Cantares) — algo parecido com o que Lutero faria,

mais tarde, ao reavaliar os argumentos a favor de Tiago. Nos dois casos, a pressuposição herdada foi de que os escritos em questão pertenciam, de fato, ao cânon, e o assunto levantado foi se era ou não possível manter essa pressuposição.

2. Indícios indiretos da posição de livros do AT podem ser percebidos a partir do NT. De acordo com Lucas 24.44, o próprio Jesus referiu-se às Escrituras como aquilo que está “escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” — a maneira tradicional de designar as três divisões do cânon hebraico, à qual acabamos de fazer menção. Num contexto mais amplo, o NT cita cada uma das três seções e a maioria dos livros do AT e apresenta tais citações como “Escritura”. Nem todo escrito antigo era considerado Escrituras, de modo que tratar alguns livros, mas não outros, como Escrituras pressupõe que a mente daqueles que estão a citar funciona com uma lista de livros escriturísticos. Assim, citações de Cleanto em Atos 17.28, Menandro em 1Coríntios 15.33, Epimênides em Tito 1.12 ou 1Enoque em Judas 14,15 não são introduzidas como Escrituras. Também é interessante que nenhuma alusão a livros apócrifos é tratada como Escrituras. Conquanto as cópias da Septuaginta (tradução grega do AT) que chegaram até nós, e provêm dos séculos IV e V da era cristã, incluíam a maioria dos livros apócrifos, reconhece-se amplamente que esses manuscritos não fornecem praticamente nenhum indício daquilo que pensavam os judeus que moravam na Palestina no primeiro século, e talvez nem mesmo forneçam quaisquer indícios a favor de um cânon judaico ampliado e adotado por judeus em, digamos, Alexandria.

3. Obviamente não se pode abordar exatamente da mesma maneira o encerramento do cânon do NT, *i.e.*, o momento no qual se chegou a um acordo universal de que não havia mais nenhum livro a ser acrescentado a uma lista fechada de livros que eram Escrituras oficiais, visto que isso



exigiria um corpo escriturístico ainda posterior para autenticar os escritos do NT, e assim por diante, num ciclo sem fim. Assim mesmo, vale a pena observar como alguns documentos tardios do NT se referem a alguns mais antigos como “Escrituras” (1Tm 5.18; 2Pe 3.16).

4. Mas, talvez, o mais importante sejam várias passagens em que o próprio Cristo se torna o centro do que veio a ser o cânon do NT. Em particular, os versículos iniciais de Hebreus fazem contraste entre como Deus falou, “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas” e a maneira como “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (Hb 1.1,2). O próprio Filho é o ponto máximo da revelação; para usar o linguajar de João, o próprio Jesus, conforme já vimos, é o Verbo derradeiro, a autoexpressão de Deus, o Verbo encarnado. Dessa maneira, qualquer noção de um cânon do NT fica imediatamente vinculada à sua relação com ele. Jesus certamente preparou seu pequeno grupo de apóstolos, tendo em vista a compreensão ampliada que teriam como consequência de sua ressurreição e da descida do Espírito (Jo 14.26; 16.12-15). Com certeza também há indícios de que, embora os doze e Paulo pudessem cometer e de fato cometeram erros (*e.g.*, Gl 2.11-14), ocasionalmente podiam estar tão cômicos de que o que estavam escrevendo era nada menos do que o mandamento do Senhor que podiam considerar inaceitáveis até mesmo os profetas do período neotestamentário que os questionavam naquele momento (1Co 14.37,38).

5. Alguns têm dado a impressão totalmente falsa de que a igreja primitiva levou um tempo excessivo para reconhecer a autoridade dos documentos do NT. Na verdade, é vital fazer distinção entre o reconhecimento da autoridade desses documentos e um reconhecimento universal do conteúdo de uma lista fechada de documentos do NT. Os livros do NT vinham circulando por longo tempo antes de ocorrer esse reconhecimento universal. Em sua maioria,

esses livros eram aceitos em toda parte como livros com autoridade divina e todos eles eram aceitos em pelo menos grande parte da igreja. Em sua maioria, os documentos do NT são citados como autorizados já bem cedo. Isso inclui os quatro evangelhos, as treze cartas paulinas, 1Pedro e 1João. O restante dos limites do cânon do NT estava, na sua maior parte, já bem definido à época de Eusébio, no início do século IV.

6. Foram basicamente três os critérios mediante os quais a igreja primitiva concordou que certos livros possuíam autoridade. Primeiro, os Pais da igreja buscaram apostolicidade, *i.e.*, um documento devia ter sido escrito por um apóstolo ou por alguém em contato direto com os apóstolos. É assim que se entendia que Marcos teve como base o testemunho de Pedro; Lucas esteve relacionado com Paulo. Tão logo os Pais analisaram a possibilidade, rejeitaram qualquer documento que fosse suspeito de pseudonímia (escrito por alguém que não o autor indicado). Segundo, uma exigência básica de canonicidade era a conformidade à “regra de fé”, *i.e.*, ao cristianismo básico, ortodoxo, reconhecido como norma nas igrejas. Terceiro, e dificilmente menos importante, o documento tinha de ter desfrutado uso amplo e contínuo pelas igrejas. A propósito, para ser viável, esse critério exige que se passe certo tempo e ajuda a explicar por que demorou tanto até o “encerramento” do cânon (*i.e.*, até que a igreja tivesse quase universalmente concordado sobre a posição de todos os 27 documentos do NT). Um dos motivos pelos quais Hebreus não foi aceito no Ocidente tão rapidamente quanto algumas epístolas foi que era anônimo (não pseudonímico!), e, de fato, foi mais rapidamente aceito no Oriente, onde muitos achavam (erroneamente) que fora escrito por Paulo.

7. O dado talvez mais importante a reconhecer é que, embora não houvesse nenhuma estrutura ou hierarquia eclesástica semelhante ao papado medieval que impusesse o cumprimento de decisões, no final